

Professor Valle Ferreira

ALBERTO DEODATO

A minha impressão é que se Valle Ferreira lesse estas páginas que estamos escrevendo em sua homenagem começava a ficar vermelho desde a primeira linha. A safira dos olhos irradiaria uma luz mais azul. Olharia acanhado para todos os lados. E quando encontrasse um de nós, viria a pergunta:

— Você não tem mais nada pra fazer?...

Nunca, na minha vida, tive convívio com creatura mais modesta. Nunca o ouvi falando nele. Tudo nele era discreto. No falar, no andar, no sorriso. Pela sua boca ninguém saberia que foi dos mais interessantes jornalistas que escreveram nos jornais de Juiz de Fora. Que foi dos belos concursos realizados na nossa querida Faculdade de Direito. Que era dos mais amados e acatados catedráticos de Direito Civil. Que estava a par da obra literária dos homens que fulguraram nas letras da sua juventude. E em dia com a renovação literária do nosso país. Que foi dos maiores dirigentes da Casa de Afonso Pena. Eficiência sem alarde. Sabedoria em viver com os moços. Só o longo convívio lhe descobria a fina ironia.

— Valle, os rapazes estão encantados com a sua aula de ontem...

E ele, abrindo um sorriso:

— Pra que esse elogio? Quem te falou isso não sabe que eu não reprovoo ninguém...

Fomos examinadores na Faculdade de Direito de São Paulo. Ele, do concurso de Direito Civil. Eu, de Finanças Públicas.

— Os professores gostaram muito da sua argüição — disse-lhe ao chegar ao hotel onde nos hospedamos...

Um sorriso:

— Os paulistas abusam do direito da gentileza... ..

Fui seu vice-diretor. Depois, elegeram-me diretor da Faculdade. Uma dezena de anos nos encontrando no mesmo horário de aula. Com dois assuntos que lhe agradavam. Duas etapas de sua vida. A de menino pobre, filho de um chefe de estação da Central, banhando-se no Paraibuna e galgando os morros em roda. E a do estudante da Lapa, que foi o cenário da sua juventude e da minha. Não nos vimos por lá. Ele foi depois. Mas dentro dos seus olhos azuis o cenário do Passado era o mesmo dos meus olhos. Quando vou agora ao Rio, ao atravessar a ponte divisória de Minas e Estado do Rio, parece que o rio secou e a casinha do chefe da estação está vazia.